

# A POLÍTICA EXTERNA RUSSA E SUAS RELAÇÕES COM A AMÉRICA LATINA E O BRASIL

**André Luiz Reis da Silva**

*Ph.D (Relações Internacionais) (reisdasilva@hotmail.com)*

*Professor associado do Departamento de Economia e Relações Internacionais*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Av. João Pessoa, 52, Centro – Porto Alegre/RS, Brasil

**Lilia E. Ilikova**

*Ph.D (Sociology) (Lilia.Ilikova@gmail.com)*

*Diretora adjunta do Instituto de Relações Internacionais*

Universidade Federal de Kazan  
Ulitsa Pushkina, 1/55, Kazan, 420008, Rússia

Recibido em 25 de julho de 2022  
Aceitado em 25 de outubro de 2022

**DOI:** 10.37656/s20768400-2022-4-04

**Resumen.** *Este artigo tem como objetivo explorar as relações da Rússia com a América Latina no contexto da reestruturação da política externa russa, especialmente na virada do Milênio. No período pós-soviético, as relações da Rússia com os países da região latino-americana foram reconstruídas, com base na cooperação mutuamente benéfica. O desenvolvimento da direção latino-americana nas relações internacionais está se tornando cada vez mais importante para a Rússia. Os autores procuram analisar e descrever a estratégia da Rússia e avaliar as relações entre a Rússia e o Brasil na fase atual. A metodologia utilizada é qualitativa, através da análise de bibliografia especializada.*

**Palavras chave:** *América Latina, Brasil, política externa, mundo multipolar, Rússia, BRICS*

# THE RUSSIAN FOREIGN POLICY AND ITS RELATIONS WITH LATIN AMERICA AND BRAZIL

**André Luiz Reis da Silva**

*Ph.D (International Relations) (reisdasilva@hotmail.com)*

*Associate Professor at the Department of Economics  
and International Relations*

A política externa russa e suas relações com  
a América Latina e o Brasil

Rio Grande do Sul Federal University  
Av. João Pessoa, 52, Centro-Porto Alegre / RS-Brasil

**Lilia E. Ilikova**

*Ph.D (Sociology), Lilia.Ilikova@gmail.com*  
*Deputy Director of Institute of International Relations*

Kazan Federal University  
Kazan, 420008, 1/55 Ulitsa Pushkina

Received on July 25, 2022  
Accepted on October 25, 2022

**DOI:** 10.37656/s20768400-2022-4-04

**Abstract.** *This article explores Russia's relations with Latin America in the context of the restructuring of Russian foreign policy, especially at the turn of the millennium. In the post-Soviet period, Russia's relations with the countries of the Latin American region were built on the basis of mutually beneficial cooperation. The development of the Latin American direction in international relations is becoming increasingly important for Russia. The authors seek to analyze and describe the strategy of Russia and evaluate the relations between Russia and Brazil at the present stage.*

**Keywords:** *Latin America, Brazil, foreign policy, multipolar world, Russia, BRICS*

## **ВНЕШНЯЯ ПОЛИТИКА РОССИИ И ОТНОШЕНИЯ РФ С ЛАТИНСКОЙ АМЕРИКОЙ И БРАЗИЛИЕЙ**

**Андре Луис Рейс да Силва**

*Канд. наук (международные отношения) (reisdasilva@hotmail.com)*  
*профессор Департамента экономики и международных отношений*

Федеральный университет Рио-Гранди-ду-Сул  
Жуан Пессоа, 52, Центр, Порту-Алегри, Бразилия

**Лилия Эрнстовна Иликова**

*Канд. соц. наук, доцент (Lilia.Ilikova@gmail.com)*  
*Заместитель директора Института международных отношений*

Казанский федеральный университет

420008 Казань, ул. Пушкина 1/55

Статья получена 25 июля 2022 г.

Статья принята 25 октября 2022 г.

**DOI:** 10.37656/s20768400-2022-4-04

***Аннотация.** В данной статье анализируются отношения России с Латинской Америкой в контексте перестройки российской внешней политики на рубеже тысячелетий. В постсоветский период связи России со странами латиноамериканского региона выстраивались заново на основе взаимовыгодного сотрудничества, а развитие указанного направления в международных отношениях приобретает для России все большую значимость. Особое внимание уделяется современным отношениям с Бразилией как с крупнейшей страной Латинской Америки.*

***Ключевые слова:** Латинская Америка, Бразилия, внешняя политика, многополярный мир, БРИКС*

A política externa da Rússia tem sofrido diversas reorientações desde meados da década de oitenta, quando, em 1985, Mikhail Gorbachov lançou, juntamente com a Perestroika e a Glasnost, uma política de abertura e de relações com o Ocidente, em especial com os Estados Unidos e com a Europa. Paralelamente, o presidente Da URSS passou a estimular reformas semelhantes nos países do Leste Europeu. Em 1991, do desmembramento da URSS, surgiram 15 novos países, que procuraram manter suas fronteiras e se fortalecer em relação ao antigo poder central. Paralelamente ao seu apoio à desintegração da URSS, o Presidente da Rússia Boris Yeltsin articulou a criação da Comunidade de Estados Independentes (CEI), que reúne ex-repúblicas soviéticas, mas que ainda carece de consistência material e política.

Embora a Rússia tenha herdado o patrimônio internacional da URSS (status de potência nuclear, assento no Conselho de Segurança, etc), as transformações da Perestroika provocaram uma drástica redução de sua presença no cenário internacional.

As dissoluções do CAME e do Pacto de Varsóvia representaram a perda de influência no Leste Europeu, que rapidamente foi se aproximando do Ocidente. Em 1997 iniciou-se o processo de inclusão da Hungria, da Polônia e da República Tcheca à OTAN, concluído em 1999.

A diplomacia de Pró-ocidental de Gorbachov resumia-se no conceito de Casa Comum Européia, que consistia em incorporar a Rússia nas estruturas ocidentais, em especial na União Européia. Em 1992, o volume de comércio da Rússia com os países do Terceiro Mundo declinou para um quarto em relação à década anterior. Os primeiros anos do governo Yeltsin amargaram o reflexo do recuo internacional da política externa russa, associado ao declínio de sua economia.

Em meados dos anos 1990, a insatisfação em círculos diplomáticos na Rússia quanto aos resultados da inserção internacional fez crescer o debate dos *eurasianistas* contra os *atlanticistas* e os defensores da Casa Comum Européia. A tese eurasiologista defendia uma política externa mais independente, através do fortalecimento dos laços com China, Índia e outras potências emergentes (Brasil, entre outras) como forma de contrabalançar o poder norte-americano e a situação de subserviência da Rússia. Este debate fez a Rússia procurar renovar suas parcerias e buscar alternativas de inserção internacional.

### **Política externa russa pós-soviética**

Já no primeiro governo, o Presidente B. Yeltsin havia buscado ampliar e renovar parcerias. Em abril de 1995, o ele decidiu por uma nova política externa, fundindo os conceitos de eurasiatismo e atlantismo, e aprovando um documento intitulado *Conceito de política externa da Federação Russa*, que continha as bases dessa concepção.

Em 1996, a Rússia passou redimensionar sua atuação externa, buscando uma inserção omnidirecional – sem uma escolha leste-oeste excludente – mantendo relações próximas com potências médias dos mais diversos continentes. Nesse mesmo ano, o ministro E. Primakov visitou várias regiões, entre elas América Latina e Oriente Médio, e fez grandes investimentos para ampliar sua inserção na Ásia. A diplomacia russa também logrou reaquecer relações com Pyongyang e estruturou o “Shanghai Five”, um mecanismo de concertação entre Rússia, China, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão.

Em 1998, uma crise financeira motivada pela baixa do preço do petróleo assolou o país, pois dificultou ainda mais a capacidade governamental em evitar o déficit fiscal (o petróleo era a principal receita), o que fez com que os investidores internacionais temessem pela incapacidade russa em honrar seus compromissos. Na esteira desses acontecimentos, uma inaudita fuga de capitais contribuiu para agravar essa situação. Politicamente, a Rússia passava por inúmeras dificuldades em decorrência dos problemas de saúde de B.Yeltsin, que não encontrava um candidato à altura da difícil tarefa para substituí-lo.

Em 1999, Vladimir Putin assumiu o cargo de Primeiro-Ministro. O novo líder ascendeu rapidamente e tornou-se o personagem principal do crescimento econômico por que passou a Rússia na primeira década dos anos 2000. A partir de então, a Rússia construirá uma política externa com objetivos de resguardar sua segurança e território e defender a multipolaridade no sistema internacional, através da construção de parcerias regionais e extra-regionais.

Em junho de 2009, na cidade russa de Ekaterimburgo, ocorreu a I Reunião de Cúpula do Grupo BRIC (Brasil, Rússia,

Índia e China), juntamente com o Presidente da China, Hu Jintao, com o Presidente da Rússia, Dmitri Medvedev, e com o Primeiro-Ministro da Índia, Manmohan Singh. Os Chefes de Estado e de Governo dos BRICs trataram de temas relativos à crise econômico-financeira e à conjuntura política internacional. A reunião serviu, ainda, para discutir a institucionalização do grupo, incorporando a África do Sul em 2011 e se transformando nos BRICS. Desde então, os BRICS constituíram um importante fórum de articulação, que envolve cinco países estratégicos em suas regiões. Construíram uma pauta e uma agenda de atividades, tiveram um papel importante no debate sobre a crise econômica internacional e necessidade de reformar as instituições econômicas multilaterais e também construíram o Banco dos BRICS.

### **As relações da Rússia com a América Latina**

A Rússia mantém relações diplomáticas com todos os países da América Latina, porém foi a penas nos últimos tempos que a região ganhou uma atenção maior [1]. No primeiro mandato do Presidente V Putin, de 2000 a 2004, ele visitou quatro países da região ao todo: Brasil, Cuba, Chile e México. Já o Presidente Dmitri Medvedev, somente no seu primeiro ano de presidência, em 2008, visitou Brasil, Peru, Venezuela e Cuba, enquanto seu ministro de relações externas, Sergey Lavrov, foi a Equador, Nicarágua e Argentina [2].

O aumento nos contatos não se deve a uma importância econômica da região para a Rússia. Em 2009, a América Latina correspondeu a apenas 1,6% das suas exportações e a 3,4% das importações – embora se deva considerar que o ritmo de crescimento do comércio é bastante alto, de cerca de 30% ao ano, tendo triplicado de 2004 a 2009 [3].

Os principais motivos da presença da Rússia na América Latina são geopolíticos e estratégicos. O país deseja se auto-preservar como potência global, ao mesmo tempo em que tenta equilibrar a influência dos Estados Unidos no sistema internacional [4].

Ao se aproximar da vizinhança dos norte-americanos, a Rússia quer contrabalancear a proximidade que eles ganharam com os países da sua vizinhança após a Guerra Fria, como a instalação de sistemas de defesa norte-americanos na Polônia e na República Tcheca, assim como o interesse dos Estados Unidos em tornarem Geórgia e Ucrânia membros da OTAN.

A Rússia defende a formação de um sistema internacional multipolar, e a América Latina é peça importante por ser a área de influência histórica dos norte-americanos. O presidente Putin declarou em 2008, que a América Latina está se tornando um elo de destaque na cadeia do mundo multipolar que está se formando, devendo receber mais atenção na política externa e econômica da Rússia.

A Rússia reitera várias vezes que o sistema econômico internacional precisa ser reestruturado, já que as instituições e as moedas que o dominam estão arcaicas. Tendo sido criação do Ocidente, elas não seriam mais adequadas à atual realidade, na qual os BRICs ganharam destaque. O PIB por poder de paridade da China e da Rússia é maior do que o dos Estados Unidos, e o PIB somado dos quatro países é maior que o da União Europeia inteira.

Apostando nos BRICs, é natural que o Brasil seja visto como prioridade na América Latina pela Rússia. Em outubro de 2008, Sergey Lavrov e Celso Amorim escreveram um artigo juntos para o jornal russo “Rossiyskaya Gazeta”, em que descreviam a Rússia e o Brasil como “aliados naturais”. A Rússia apoia o

aumento de assentos no Conselho de Segurança da ONU e um lugar permanente para o Brasil. A oferta de alta tecnologia russa para o Brasil é intensa: em 2008, a empresa russa Rosatom ofereceu ao Brasil a venda de tecnologia moderna para explorações profundas e produção de urânio, para novas usinas nucleares e para supercondutores na transmissão de energia; no mesmo ano, o Brasil comprou doze helicópteros Mi-35M; ainda em 2008, os dois países concordaram em produzir veículos de lançamento para o programa espacial brasileiro Cruzeiro do Sul; existe a possibilidade de cooperação em nanotecnologia e na construção de aeronaves.

Em termos comerciais, o Brasil é o principal parceiro na América Latina, tendo correspondido à metade de todo o comércio que a Rússia teve com a região (cerca de US\$ 16 bilhões) em 2008. Cerca de 75% das vendas russas para o Brasil são de fertilizantes, enquanto a maioria das vendas brasileiras é de carne [5]. Junto com México e Argentina, o Brasil reverteu tendências históricas e passou a exportar mais produtos industrializados para a Rússia do que importar dela, tendo tido, em 2008, um superávit de US\$ 2,2 bilhões no comércio bilateral.

### **As relações Brasil-Rússia no século XXI**

Ainda que possuam diferenças marcantes em diversos aspectos, como clima e cultura, Brasil e Rússia têm um conjunto de semelhanças entre si. Ambos possuem territórios com dimensão continental, variedade de climas e paisagens e pertencem a um grupo de países emergentes. Além disso, possuem alto PIB, são ricos em recursos naturais e parques industriais e são países muito importantes em suas regiões. Assemelham-se também pelas mudanças ocorridas internamente na década de 1990, como a abertura e liberalização das



economias e o aumento na participação do comércio exterior. Atualmente, percebe-se maior afinidade nas posições e interesses internacionais dos dois países. Dois fatores foram muito importantes: maior aproximação da Rússia com o Ocidente [6] e o interesse da política externa brasileira em aprofundar “as relações com grandes nações em desenvolvimento: a China, a Índia, a Rússia e a África do Sul” [7].

Na década de 1990, os ganhos com a cooperação econômica, científica e na área de tecnologia de ponta eram muito mais potenciais do que efetivos [8]. Essa situação foi superada ao longo da década, com a construção da parceria impulsionada pelo chanceler Celso Amorim, em 1994, e com a criação da Comissão de Alto Nível Russo-Brasileira para a Cooperação, que teve sua primeira reunião no ano de 2000. Esta comissão é coordenada pelo vice-presidente brasileiro e pelo primeiro-ministro russo. Ressalta-se que a Rússia possui órgãos de cooperação internacional em nível de primeiro-ministro apenas com países com quem tem relações bastante estreitas: Estados Unidos, França, China e Ucrânia. Este fato demonstra o elevado grau de importância atribuído pela Rússia ao Brasil [9]. Em 2002, durante uma visita do então presidente Fernando Henrique Cardoso, a Rússia manifestou o seu apoio à candidatura brasileira a uma vaga no Conselho de Segurança, sendo o primeiro dos cinco membros permanentes a tomar esta atitude [10].

Ainda no governo de F.H. Cardoso, a Rússia reformulou sua visão do Brasil, mas esta interação passou a ser mais expressiva após o início do governo Lula. Em 2003 o Brasil recebeu a visita oficial do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia, Igor Ivanov que destacou as semelhanças entre os dois países e reconheceu que, devido às vastas extensões territoriais, tanto a

Rússia como o Brasil possuem grandes responsabilidades com a segurança internacional. Na ocasião foi firmada uma declaração conjunta entre os ministros. No encontro com o presidente Lula e com o chanceler C. Amorim, foi discutido o comércio de tecnologia de ponta, em especial sobre sensoriamento remoto e lançamento de satélites de telecomunicação [11]. Em anos anteriores, o Brasil já havia iniciado negociações para utilizar tecnologia russa para o lançamento de satélites e a Rússia havia manifestado interesse na base espacial de Alcântara, no Maranhão, para lançar o seu foguete portador, *Rokot*.

Em 22 de novembro de 2004, o Brasil recebeu a visita do presidente V. Putin, o primeiro chefe Estado da Federação Russa a visitar o país. Em seu discurso na ocasião, o presidente Lula reiterou a importância da cooperação com a Rússia na área de ciência e tecnologia como fator de desenvolvimento econômico. Comprometidos com a concretização da aproximação entre os dois países, os presidentes trataram sobre a cooperação espacial, destacando a participação russa na retomada do programa de utilização da base de Alcântara para o lançamento de satélites em bases comerciais. Para o comércio, expuseram a intenção de que se aumente o volume de comércio entre os dois países. Para incentivar as trocas, foram firmados acordos em matéria de promoção comercial entre o BNDES e o Banco do Comércio Exterior da Rússia e o Eximbank. O presidente Lula felicitou a Rússia pela assinatura do Protocolo de Quioto, expondo a preocupação brasileira com as questões ambientais e com o desenvolvimento sustentável, acrescentando a importância que terão as fontes de energias renováveis, como o etanol [12].

Os presidentes afirmaram o interesse em ações conjuntas dos dois países em foros internacionais, em defesa de regimes multilaterais mais representativos. Por esta razão o presidente

Putin reiterou o apoio à candidatura brasileira por um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Da mesma forma, o Brasil manifestou-se favorável à entrada da Rússia na OMC. Ambos os países concordaram na defesa do papel central da ONU tanto para questões de segurança – resolução pacífica de controvérsias, combate ao terrorismo, ao crime organizado e ao tráfico de drogas – quanto para questões sociais, como o combate à fome e à pobreza. Foram assinados sete acordos, sendo que apenas um ainda está em tramitação. Dentre os temas acordados estão cooperação esportiva, intercâmbio cultural educacional e esportivo, telecomunicações, ciência e tecnologia e atividades espaciais. V. Putin convidou Lula a visitar a Rússia [13].

No dia 18 de outubro de 2005, Lula fez a sua visita oficial à Rússia. Por meio de uma Declaração Conjunta, foram expressos os resultados das conversações. As partes avaliaram positivamente os esforços para a cooperação feitos desde a visita de Putin ao Brasil e reconheceram a importância do trabalho realizado pela Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação e pela Comissão Intergovernamental Brasileiro-Russa de Cooperação Econômica, Comercial, Científica e Tecnológica. Em relação à “aliança tecnológica”, verificaram-se avanços, em particular na modernização do “VLS-1” (veículo lançador de satélites) brasileiro e no uso pacífico do espaço exterior. Os presidentes deram destaque à missão dada ao astronauta brasileiro no segmento russo da estação espacial internacional, em 2006. Também se manifestaram dispostos a aumentar a cooperação no campo técnico-militar e técnico-científica [14].

No setor energético, a Rússia demonstrou interesse em participar na construção de usinas hidrelétricas no Brasil. Houve fortalecimento na coordenação entre empresas da área de

petróleo e gás, bem como no setor de energias renováveis. Ao reiterarem o compromisso dos dois países com o Tratado de Não-Proliferação Nuclear, anunciaram que pretendem tomar medidas para acelerar as negociações do Tratado de Proibição Total de Testes Nucleares. Outros importantes temas abordados foram segurança da informação e integração regional. Um aspecto marcante desta visita foi a utilização pela primeira vez em documentos oficiais do termo “parceria estratégica” entre os dois países. Desde o ano 2000, a relação era tratada em termos de “parceria”. O aprofundamento da cooperação em setores estratégicos como o espacial, energético e a “aliança tecnológica”, nas palavras do chanceler russo S. Lavrov, fez com que as partes reconhecessem o caráter estratégico da relação bilateral).

Após a visita de Lula, em 2005, ocorreram diversos outros encontros entre ministros e órgãos dos dois governos. O foco dos encontros foram os assuntos considerados estratégicos. Os ministros da defesa, Nelson Jobim, e de assuntos estratégicos, Roberto Mangabeira Unger foram à Rússia. O Brasil recebeu o secretário interino do Conselho de Segurança da Federação da Rússia, Valentin Sobolev e posteriormente o novo secretário, Nicolai Patrushev e o diretor geral da Agência de Energia Atômica da Rússia, Serguey Kirienko. Já em 2006, realizou-se a IV Reunião da Comissão de Alto Nível Brasil-Rússia, em Brasília. Em novembro de 2008 ocorreu também em Brasília, a V Reunião da Comissão Intergovernamental Brasil-Rússia de Cooperação Econômica, Comercial, Científica e Tecnológica [15].

O 2008 marcou os 180 anos das relações diplomáticas entre o Brasil e a Rússia. O Brasil recebeu então, a visita oficial do presidente Dmitry Medvedev e uma comitiva formada pelos

ministros dos negócios estrangeiros, da agricultura, da energia e por autoridades dos setores aeroespacial, técnico-militar, fitossanitário e empresarial. A assinatura do Acordo de Cooperação Técnico – Militar foi um passo importante na afirmação da parceria estratégica, no entanto, este acordo permanece em tramitação. As partes salientaram a necessidade de um acordo entre as autoridades sanitárias de ambos os países, a fim de que haja aumento no volume de trocas de produtos agropecuários. Abordou-se a colaboração para a produção de biocombustíveis, já iniciada a partir da Convenção Internacional sobre Biocombustíveis, ocorrida no mesmo ano em São Paulo. Os presidentes demonstraram apoio ao desenvolvimento do diálogo no âmbito do Grupo BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) e reconhecimento deste foro como fundamental para a “busca conjunta de soluções para problemas globais” [16].

O comércio bilateral Brasil-Rússia se desenvolveu durante os anos do governo de Lula, atingindo em 2010 um volume quase três vezes maior do que o valor de 2002. Os principais produtos da exportação brasileira são açúcar, carnes, soja, café e fumo [17]. O Brasil importa principalmente fertilizantes, combustíveis minerais, borracha e alguns metais. Cabe ressaltar que a ocorrência de uma crise alimentar pode fazer com que produtos como carne, açúcar e fertilizantes se tornem estratégicos, uma vez que Brasil e Rússia dependem da importação destes itens. Dessa forma, a troca de produtos essenciais para a segurança alimentar de ambos os lados se configura em oportunidade para a parceria estratégica ampliar-se também para o setor econômico.

Ressalta-se que o percentual de participação do comércio bilateral Brasil-Rússia representa uma pequena fração do volume total de comércio de cada país. O crescimento do

comércio se dá de forma desigual, havendo maior crescimento das exportações brasileiras e detrimento das russas [18]. As relações comerciais com a Rússia não foram tão prósperas como a cooperação política. Desde 1995 o comércio entre os dois países vem crescendo, mesmo assim, os produtos são pouco variados [19].

A política externa de Lula direcionou-se para a aproximação com países considerados “potências médias de grande porte”, como China, Índia, África do Sul e Rússia, embora esta não seja exatamente um país do “Sul” como os demais. No início dos anos 2000, formaram-se as condições ideais para a aproximação entre estes países. O Brasil e a Rússia deram grande incentivo à formação do Grupo BRICs, como um espaço de diálogo político-diplomático. Neste sentido, a Rússia encontra-se em situação paradoxal, pois ao mesmo tempo em que participa do G8, trabalha na construção dos BRICs, que é supostamente, uma proposta alternativa aos temas e agendas do G8 [20]. Quanto ao Brasil, mais do que desejar a aproximação destes países, teve como objetivo explícito dar uma “instrumentalidade prática ao conceito de BRICs” [21].

A atribuição de instrumentalidade prática teve início em 2006, com o encontro dos Ministros das Relações Exteriores dos quatro países. No dia 16 de junho de 2009 ocorreu a I Cúpula dos BRICs, em Ecatimburgo, na Rússia. Estavam presentes os chefes de Estado dos quatro países. Lula da Silva representou o Brasil nesta primeira cúpula dos BRICs (desde 2011 – BRICS). As discussões centralizaram-se na crise financeira de 2008. Em declaração conjunta, os países atribuíram grande importância ao G-20 financeiro para a solução da crise e reconheceram a necessidade de articularem suas posições no âmbito desse grupo. Debateram a necessidade de mudança na arquitetura monetária e

financeira mundial e fizeram uma declaração sobre segurança alimentar global [22]. “A consolidação do G-20 financeiro e o reconhecimento de que a reforma institucional seria uma etapa necessária à superação da crise foram os primeiros passos em direção ao aumento do poder decisório dos BRICs no FMI”.

A segunda cúpula dos BRICs aconteceu em Brasília nos dias 15 e 16 de abril de 2010. A governança global foi o primeiro tópico a ser tratado, seguido de comércio, desenvolvimento, energia, mudanças climáticas, terrorismo, a “aliança de civilizações” e a situação do Haiti. A melhora da situação econômica global foi saudada, no entanto, os países admitiram que ainda não há total estabilidade. Os países constataram a importância da participação dos países dos BRICs e dos membros do G-20 para o aumento dos recursos disponíveis ao FMI. Foi defendida uma reforma nas antigas instituições do sistema Bretton Woods, principalmente na questão do voto dentro do FMI e do Banco Mundial [23]. O presidente russo, D. Medvedev, colocou em discussão o comércio entre os BRICs por meio das suas próprias moedas, o que facilitaria a cooperação. Segundo ele, os países do grupo precisariam superar as “muito atrasadas” instituições do sistema de Bretton Woods [24].

Entretanto, existem significativas diferenças na política externa dos países. “A história do relacionamento bilateral foi sempre marcado por condicionalismos de várias naturezas – geográficos, culturais, políticos, ideológicos [25].

Apesar de tudo, a Rússia e o Brasil mantiveram políticas externas com objetivos convergentes. Em seus discursos, sempre enfatizam valores como a democracia, a paz, os direitos humanos, o respeito ao direito internacional e o desenvolvimento baseado na justiça social. Ambos buscam a construção de uma ordem mundial baseada no multilateralismo,

com um papel central da ONU [26]. Os países decidiram apoiar-se mutuamente, enquanto a Rússia apoia a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança, o Brasil defendeu a entrada da Rússia na OMC. O Brasil e a Rússia também optaram por realizar ações conjuntas dentro das organizações internacionais. A cooperação na área cultural também cresceu bastante. A instalação da escola de ballet do teatro Bolshoi em Santa Catarina, única unidade fora da Rússia e o crescente o interesse dos russos pelas telenovelas brasileiras e por escritores como Machado de Assis, Jorge Amado e Paulo Coelho exemplificam os vínculos nessa área [27].

Durante o governo Lula, Brasil e Rússia conseguiram formar uma parceria estratégica em um mundo globalizado. Partilhando visões semelhantes a respeito dos atuais temas da agenda internacional, tais como desenvolvimento sustentável, segurança alimentar, garantia de energia e combate ao terrorismo e ao crime organizado, estes países podem cooperar em busca de uma solução eficiente. Neste sentido, já trabalham juntos na construção de mecanismos que coordenem seus interesses no cenário internacional, tais como a Comissão de Alto Nível de Cooperação, a Comissão Intergovernamental Rússia-Brasil de Cooperação Econômica, Comercial, Científica e Tecnológica e no âmbito dos BRICS. Assim sendo, todas as iniciativas que visam juntar à mesa empresária, acadêmica, representante da sociedade civil dos dois países contribuem para o melhor entendimento mútuo e abrem novos horizontes de aproximação.

No início do século XXI, as relações russo-brasileiras são caracterizadas por uma dinâmica positiva constante. Foram realizadas visitas oficiais do presidente da Rússia para o Brasil (novembro de 2004, novembro de 2008, julho de 2014) e o presidente do Brasil, na Rússia (janeiro de 2002, outubro de



2005, maio de 2010, dezembro de 2012, junho de 2017). Em 2010, durante a visita oficial de Lula da Silva à Rússia, foram realizadas as suas conversações com D. Medvedev, e foi assinado um pacote de documentos, entre os quais o plano de ação da parceria estratégica entre a Rússia e o Brasil, os acordos de cooperação para a garantia da segurança internacional da informação e proteção da propriedade intelectual, o programa de cooperação científica e técnica para 2010-2012. A visita da presidente Dilma Rousseff, em 2012, marcou o interesse por investimentos, comércio de cooperação na área militar. Já a visita do presidente Temer buscou atrair investidores russos para o Brasil.

Depois que o presidente Jair Bolsonaro chegou ao poder, a princípio, as perspectivas de cooperação com a Rússia não eram claras. Depois de relações amigáveis que Lula desenvolveu e depois continuado por D. Rousseff, não ficou claro quais perspectivas a cooperação entre a Rússia e o Brasil tinha. No entanto, com a eleição de Bolsonaro, as relações bilaterais entre a Rússia e o Brasil permaneceram as mesmas, o vetor de relações permaneceu positivo.

Assim, em junho de 2019, V. Putin e J. Bolsonaro se encontraram "à margem" da cúpula do G20 durante uma reunião dos líderes dos países do BRICS. Foi a primeira reunião dos líderes dos dois países e foi realizada de maneira positiva. Em novembro de 2019, V. Putin visitou o Brasil, onde participou da XI cúpula dos BRICS.

V. Putin observou que a Rússia vê o Brasil como um importante parceiro estratégico. Em 2018, os países comemoraram o 190º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas. O Brasil responde por mais de 30% do comércio russo com a região da América Latina. Em junho de 2022, J.

Bolsonaro participou online da sessão plenária do XXIV Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo - um dos eventos internacionais mais importantes. Os órgãos legislativos dos dois estados organizam e funcionam a cooperação bilateral – os chamados grupos de amizade Rússia – Brasil e Brasil-Rússia.

V. Putin, em conversações com J. Bolsonaro, em Moscou, em 16 de fevereiro de 2022, disse: “O Brasil é o principal parceiro comercial da Rússia na América Latina e no Caribe, representando um terço do comércio russo com a região. No ano passado, apesar das dificuldades causadas pela pandemia do coronavírus, o comércio mútuo até aumentou 87%. A comissão intergovernamental, cuja sessão ordinária teve lugar no outono de 2021 em Brasília, desempenha um papel importante no fortalecimento dos laços bilaterais de comércio e investimento. Ao mesmo tempo, sob a direção pessoal do presidente Bolsonaro, a Rússia foi visitada pelos principais ministros brasileiros do bloco econômico, responsáveis pela energia, mineração e agricultura” [28].

### **Considerações finais**

Em relação aos países em desenvolvimento, a política externa russa está voltada para a construção de parcerias em todos os continentes, com o objetivo de fortalecer sua presença e como apoio a sua inserção internacional. Esse fortalecimento de laços com países em desenvolvimento pode lhe trazer uma série de benefícios, tanto econômicos quanto políticos. A Rússia acumulou, ao longo de sua história, diversos recursos que servem de instrumentos privilegiados para essa aproximação, tais como tecnologia avançada (embora defasada se comparada com países desenvolvidos), recursos minerais e estratégicos e créditos oriundos do comércio e de empréstimos para esses países. Além disso, a Rússia acumula uma vantagem geográfica,

de poder ser uma ponte entre o Oriente e o Ocidente. Bem aproveitadas, essas relações com os países em desenvolvimento podem servir como um importante ponto de apoio para a inserção internacional da Rússia. Essa inserção internacional está amparada em um projeto mais definido de política externa que tem sido desenvolvido, bem como na reorganização da economia russa.

Para o Brasil, desde os anos 1990, há a identificação da Rússia como um país importante para a cooperação econômica e tecnológica, além de representar um considerável apoio para a estratégia de construção de um mundo multipolar. A cooperação bilateral ocorre em amplas áreas, ganhando centralidade a cooperação realizada via BRICS. Em conclusão, pode-se notar que as relações russo-brasileiras são caracterizadas por estabilidade, dinâmica positiva e têm um grande potencial para o desenvolvimento da cooperação em todas as esferas, da economia à cultura e à educação. Em especial, são dois países que defendem a multipolaridade do sistema internacional, atuam conjuntamente em diversas esferas, do qual os BRICS ganham centralidade na última década.

### **Bibliografía References Библиография**

1. Sheykina V. História de las relaciones Rusia-América Latina. Evolución y prospectiva. *Revista Electrónica Iberoamericana*. Madrid, 2010, vol. 4, no 1.

2. Smith M.A. Russia & Latin America: Competition in Washington's "Near Abroad"? Shrivenham, Defence Academy of the UK, 2009, 23 p.

3. Economic Relations between the Russian Federation and Latin America and the Caribbean: Current Situation and Prospects. Caracas, SELA, 2009, 52 p.

4. Blank S. Russia in Latin America. Geopolitical Games in the US's Neighborhood. Paris, IFRI, 2009, 23 p.

5. Domínguez E., Stenman A. Latin America and the Regional Powers. Gothenburg, University of Gothenburg, 2009, pp. 20 -21.

6. Bachigalupo G. Z. As relações russo-brasileiras no pós-Guerra Fria. *Revista Brasileira de Política Internacional*. Rio de Janeiro, 2000, vol. 43, no. 2, pp. 59-86.

7. Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional. Brasília, 2003, 13 p.

8. Hirst M., Pinheiro L. A política externa do Brasil em dois tempos. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 1995, vol. 38, no. 1, pp. 5-23.

9. Bachigalupo G.Z. Fortalezas, restrições e perspectivas da “parceria estratégica” entre Rússia e Brasil. O de como para bailar un tango se hace falta dos. In: Zhebit A., org. Brasil-Rússia: história, política, cultura. Rio de Janeiro, Gramma, 2009, pp. 141-159.

10. Arraes V.C. O Brasil e o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas: dos anos 90 a 2002. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 2005, vol. 48, no. 2, pp. 152-168.

11. Declaração Conjunta dos Ministros das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil e dos Negócios Estrangeiros da Federação da Rússia. Brasília, 19 de dezembro de 2003. URL: <https://docplayer.com.br/20440073-Declaracao-conjunta-dos-ministros-das-relacoes-exteriores-da-republica-federativa-do-brasil-e-dos-negocios-estrangeiros-da-federacao-da-russia.html> (accessed 16.08.2021).

12. Visita ao Brasil do Presidente da Rússia. Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos por ocasião da visita oficial do Presidente da Federação da Rússia, Vladimir Putin, no Palácio do Planalto, em 22 de novembro de 2004. *Resenha de Política Exterior do Brasil*. Brasília, 2004, no. 95, pp. 177-179.

13. Declaração Conjunta sobre os Resultados das Conversações Oficiais entre o Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, e o Presidente da Federação da Rússia, Vladimir V. Putin. 22 de novembro de 2004. *Resenha de Política Exterior do Brasil*. Brasília, 2004, no. 95, pp. 450-453.

14. Declaração Conjunta sobre os Resultados das Conversações Oficiais entre o Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, e o Presidente da Federação da Rússia, Vladimir V. Putin. Moscou, 18 de outubro de 2005. URL: [https://www.defesnet.com.br/br\\_ru/noticia/9605/Declaracao-Conjunta-Brasil---Russia-/](https://www.defesnet.com.br/br_ru/noticia/9605/Declaracao-Conjunta-Brasil---Russia-/) (accessed 15.08.2021).

15. V Reunião Brasil-Rússia trata cooperação agrícola e energética. URL: <https://www.aviculturaindustrial.com.br/imprensa/v-reuniao-brasil-russia-trata-cooperacao-agricola-e-energetica/20081118-084308-3735> (accessed 12.08.2021).

16. Declaração Conjunta. Visita Oficial à República Federativa do Brasil do Presidente da Federação da Rússia, Dmitry Medvedev. Rio de Janeiro, 24

a 26 de novembro de 2008. URL: [https://www.defesanet.com.br/br\\_ru/noticia/9607/Brasil-Russia-Declaracao-Conjunta-Medvedev-Lula/](https://www.defesanet.com.br/br_ru/noticia/9607/Brasil-Russia-Declaracao-Conjunta-Medvedev-Lula/) (accessed 04.02.2022).

17. SECEX – MDIC. Exportação Brasileira Rússia, Federação da Rússia. URL: [https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Moscov/pt-br/file/CEX\\_Russia.pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Moscov/pt-br/file/CEX_Russia.pdf) (accessed 11.08.2021).

18. Baumann R., Araujo R., Ferreira J. As Relações Comerciais do Brasil com os demais BRICs. Escritório no Brasil. Brasília, CEPAL, 2010, pp. 9-46.

19. Saraiva M. G. As estratégias de cooperação Sul-Sul nos marcos da política externa brasileira de 1993 a 2007. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 2007, vol. 50, no. 2, pp. 42-59.

20. Almeida P.R. O BRIC e a substituição de hegemonias: um exercício analítico (perspectiva histórico-diplomática sobre a emergência de um novo cenário global). In: Baumann R., org. O Brasil e os demais BRICs: Comércio e Política. Brasília, CEPAL-Escritório no Brasil, 2010, pp.131-154.

21. Lima M. Brasil e polos emergentes do poder mundial: Rússia, Índia, China e África do Sul. In: Baumann R., org. O Brasil e os demais BRICs: Comércio e Política. Brasília, CEPAL-Escritório no Brasil, 2010, pp. 155-179.

22. Declaração Conjunta. Cúpula dos Chefes de Estado e de Governo dos BRICs – Ecatemburgo, 16 de junho de 2009, p. 274. URL: <https://www.gov.br/mre/pt-br/arquivos/documentos/resenhas-de-politica-exterior-do-brasil/resenha-numero-104-1-2009.pdf> (accessed 14.08.2021).

23. Declaração Conjunta. BRIC – Brasil, Rússia, Índia e China. II Cúpula de Chefes de Estado/ Governo. Brasília, 15 de abril de 2010. URL: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2010/15-04-2010-declaracao-a-imprensa-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-apos-sessao-plenaria-da-2a-cupula-de-chefes-de-estado-e-de-governo-do-bric> (accessed 04.02.2022).

24. Medvedev defende uso de moedas dos Bric entre eles. URL: <http://www.valor.com.br/arquivo/818845/medvedev-defende-uso-de-moedas-dos-bric-entre-eles> (accessed 04.02.2022).

25. Labetskiy A. K. Posfácio - Brasil e Rússia orientados ao futuro. In: Zhebit A., org. Brasil-Rússia: história, política, cultura. Rio de Janeiro, Gramma, 2009, pp. 207-210.

26. Embaixada da Federação Russa no Brasil. Brasil - Rússia: 180 anos das relações diplomáticas. URL: [http://www.brazil.mid.ru/pr/par09\\_01.html](http://www.brazil.mid.ru/pr/par09_01.html) (accessed 07.12.2021).

A política externa russa e suas relações com  
a América Latina e o Brasil

27. De Semenovitch J. S. Alguns aspectos do intercâmbio cultural Brasil-Rússia. In: Zhebit A., org. Brasil-Rússia: história, política, cultura. Rio de Janeiro, Gramma, 2009, pp. 189-193.

28. Путин назвал Бразилию ведущим российским партнером в Латинской Америке [Putin nazval Braziliyu vedushchim rossiyskim partnerom v Latinskoй Amerike [Putin called Brazil Russia's leading partner in Latin America]. URL: <https://ria.ru/20220216/braziliya-1773123500.html> (accessed 21.03.2022).